

O último dos canoeiros

O vento norte tinha soprado por toda a manhã da antevéspera do dia de São José. Depois de uma caminhada pelas margens do Pajeú, Cristiano, o canoeiro que vivia indagando “para que sirvo eu” e “qual o meu lugar nesse mundo”, tomava o rumo de casa, abalado com a construção da ponte, que interrompia um dos fluxos mais poéticos do rio.

À tarde, o vento sul inesperadamente expulsou as nuvens para o lado da Serra do Arapuá. O céu estava limpo como há muito tempo não se via e, quando chegou a noite e a lua surgiu, o canoeiro acreditava que não permaneceria acordado até muito tarde, meditando sobre os últimos dias de trabalho, hábito que cultivava ao balanço da rede de alpendre.

A noite foi avançando e, no instante seguinte ao toque das nove horas do sino da igreja matriz, na escuridão que escondia a cidade, Cristiano virou a cabeça para o outro lado da rede e sentiu passar pela nuca um sopro de vento que vinha surpreendentemente do norte, que o deixou com as orelhas em pé e os cabelos eriçados. Uma rara sensação, antecipando o que estava por acontecer: era uma dessas reviravoltas do tempo que, de vez em quando, sobressaltava a região sertaneja, trazendo escondida no bojo a fúria de todos os elementos da natureza, assim reunidos ao longo do Vale do Pajeú, numa confluência só registrada no período das grandes enchentes.

O canoeiro tinha o aspecto debilitado, característico do sertanejo que vive na secura e na rusticidade. Mas a determinação de conduzir a canoa pelo ponto de passagem do Pajeú da rua de baixo ainda era muito convincente. Tal convicção notava-se diariamente pelas conversas daqueles que se utilizavam da embarcação, elogiando o estado de saúde de Cristiano, a despeito do corpo franzino e da dureza do ofício.

A última travessia que fez naquele dia foi a mais longa e a mais ingrata e assim teria sido mesmo para alguém não tão fraco fisicamente quanto ele, pois o rio começou a subir devido às pancadas de chuva caídas nas cabeceiras durante a semana, exigindo esforços sempre maiores. Um dos mais freqüentes usuários sempre se compadecia da falta da qualidade de vida do canoeiro, era uma alma de candura. Uma mulher que costumava puxar o terço no mês de Maria e nas procissões da Semana Santa e que dizia, sempre ao vê-lo muito cansado, após descer da canoa:

- Vai com Deus e o Bom Jesus dos Aflitos, que lhe dão verdadeira força, a força irresistível do amor que se devota ao rio. O Pajeú e o seu povo agradece o trabalho da travessia.

- Deus dos pobres! O triste, minha senhora, é que já não me resta muito tempo para recordar que a vocação é filha legítima da necessidade.

- Acho que você está gostando muito pouco de si mesmo...

Cristiano esboçou um sorriso trêmulo ao se lembrar do diálogo, mas logo pediu à esposa que enxotasse as galinhas que passeavam pela casa a todo momento, roçando nas costas da rede e perturbando o repouso de que tanto precisava. Em seguida, pegou num sono entrecortado pelos relâmpagos que clareavam as veredas pedregosas do Pajeú. Até que abriu os olhos quase uma hora depois, assustado pelo barulho dos trovões, cada vez mais próximos da cidade. Espreguiçou-se com a visão de Zefa rezando o terço baixinho para não despertá-lo:

- Foi assim que o mundo começou a se acabar no tempo de Noé e a arca – disse ele, melancólico. E agora, só o que me falta, é morrer. Sonhei que um menino da rua me fazia perguntas estranhas da janela.

- Não foi sonho, não. Foi um dos seus amigos, sim. – esclareceu Zefa, interrompendo a reza.

- Amigos? Não tenho tantos amigos assim, não. – disse ele. E, se acaso me restam alguns, há de ser por pouco tempo.

- Credo-em-cruz, homem de Deus! Pois tem um que ainda está aí do lado de fora. – disse Zefa, com um tom de voz de inquietação e um pressentimento esquisito, levantando a cabeça em direção à janela.

Cristiano agarrou-se sem forças às bordas da rede e levantou-se a muito custo com os ossos desmantelados pela decrepitude prematura. E todo ele se via quase tão desfeito, que não parecia capaz de permanecer vivo até o próximo mês. Menos inquieto que intrigado – eram comuns os pedidos para atravessar o Pajeú altas horas da noite – o velho canoeiro caminhou em direção à porta da casa com movimentos indecisos que davam a impressão de pertencer a outra pessoa mais gasta pela vida, sem ouvir a mulher terminar:

- Que coisa mais estranha! Com toda essa chuva aumentando a cada minuto, ele não quis entrar, apesar de minha insistência, e ficou ali numa atitude de oração.

Manuel Caboclo, que já entrara pela casa dos setenta anos, exímio remador que introduzira Cristiano nos segredos da profissão, esperava-o junto à cancela da roça, ao lado da casa, protegido da chuva apenas por um velho saco de lona. Sem rodeios, foi logo direto ao assunto que o trouxera:

- Tem um homem aí que chegou a cavalo na beira do Pajeú e que só conseguirá atravessar com segurança o rio se for conduzido por você. Foi assim que um menino da rua me deu o recado – falou, carrancudo, o velho canoeiro.

Por alguns segundos, Cristiano ficou mudo e meio abobalhado, sem saber o que dizer.

- O menino da rua não o conhece, sequer o viu em algum lugar da cidade, nem nos dias de festa. O tal homem é tão esquisito, que nem quis revelar o nome e a voz ressoava como se estivesse falando por eco. Diz que veio de muito longe e que você o reconhecerá como um transeunte de Pajeú, que apreciou a destreza de teus remos. – completou, sombriamente, Manuel Caboclo.

Os dois canoieiros desceram pela ladeira que leva ao rio, debaixo de uma chuva mais forte que as que costumeiramente ameaçadores, que ninguém de sã consciência poderia se aventurar a tomar banho sob as biqueiras de zinco das casas mais antigas da cidade – hábito que o povo tinha incorporado à sua vida. Uma festa para os meninos, uma farra para os homens e alegria para todos.

Mas a chuva não impediu que os dois amigos chegassem à passagem dos carros da rua de baixo, apesar do grande aguaceiro, de uma violência arrasadora, que arrancou um pedaço do calçamento de pedra da rua Dr. Tito Rosas e causou inundações nas casas mais humildes da periferia da cidade.

Manuel Caboclo e Cristiano não ocultaram o aborrecimento pela ausência do homem no local da travessia do Pajeú., praguejando pela falta de palavra e da esquisitice do cavaleiro. Ali mesmo trocaram breves palavras de despedida, sem refletir sobre a estranha aparição, tal a intensidade do dilúvio que, naquela hora, alagava todas as ruas, única explicação que encontraram para o sumiço.

Cristiano, pouco depois da meia-noite, quando voltou para casa, completamente encharcado, nem reparou na estranheza da mulher que o esperava aflita e ainda intrigada para anunciar-lhe a mensagem que um homem montado a cavalo lhe deixara. Provavelmente o mesmo que eles estavam procurando:

- Ele nem quis apear. Procedeu do mesmo jeito que Manuel Caboclo, sem nenhuma explicação. Chegou bem próximo à janela, numa mansidão que parecia flutuar no lamaceiro. O curioso é que não senti medo, sua presença lembrava uma pessoa por quem a gente tem familiaridade. Mas não consegui ligar a fisionomia com o nome. Falou em voz baixa, quase imperceptível, que você o aguardasse em silêncio, que voltaria em breve, somente para que o conduzisse, na sua garupa, por uma trilha quase inacessível do Pajeú, que seria a nova travessia do rio. – disse Zefa.

Zefa jamais esqueceu aquela frase hermética. Como uma premonição, três dias depois, o tempo anoiteceu às três horas da tarde, os trovões e relâmpagos fizeram estremecer a terra, as águas do Pajeú voltaram a subir e Cristiano, como era de costume, adormeceu pesadamente, cedo da noite, ao som das vozes dos sapos e insetos ribeirinhos. De madrugada, cessada a agitação violenta da chuva e dos ventos, Zefa encontrou o canoieiro na rede, de olhos abertos, com uma expressão de admiração, como se tivesse visto uma coisa extraordinária. Sabia que essa era uma de suas habituais posições ao descansar ao final de cada jornada de canoagem. Mas o intenso estado de êxtase em que se achava Cristiano já não era mais deste mundo.

Por José Arlindo Gomes de Sá